

INTRODUÇÃO

Os caminhos cruzados dos livros, da história e da literatura hagiográfica no Portugal Moderno

Jorge Cardoso (1609-1669), o autor do *Agiologio Lusitano dos sanctos e varões illustres em virtude do reyno de Portugal e suas conquistas* (3 tomos editados, respectivamente, em 1652, 1657 e 1666)¹, deixou nesta obra da sua vida² um legado imenso de erudição, resultante de um contínuo e dedicado trabalho de pesquisa e recolha de informações, documentos e livros vários, alheios e próprios, com que quis alicerçar a sua contribuição para a recuperação da memória e divulgação dos «santos da pátria» e, ao mesmo tempo, para a história eclesiástica e religiosa de Portugal e «suas conquistas»³. O longo e intenso trabalho de Jorge Cardoso aliado à sua vasta erudição, ao ineditismo de muitas «vidas» e à multiplicidade de informações fizeram do *Agiológico Lusitano* não só a maior recolha hagiográfica portuguesa como também uma obra que foi e é, ainda hoje, um dos repositórios fundamentais (embora não otimizado em virtude da dificuldade de acesso à obra e de alguns preconceitos que por vezes a sua temática e o seu

1 J. CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, Tomo I, Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, 1652; Tomo II, Lisboa, Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657; Tomo III, Lisboa, Oficina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666. Citei a obra com o título abreviado de *Agiológico*, seguido do número do volume, da página e da letra referente à «vida» ou «comentário» em causa.

2 Jorge Cardoso nasceu a 31 de Dezembro, foi ordenado presbítero em 4 de Julho de 1632 e morreu a 3 de Outubro de 1669. Apesar de ter projectado várias outras obras que foi referindo ao longo do *Agiológico* (como adiante se verá), apenas publicou, antes deste, o pequeno — e «pera priuado vso somente» — *Officio menor dos sanctos de Portugal*, em Lisboa, por Pedro Craesbeeck, em 1629, in-24°. A magna «empresa» do *Agiológico Lusitano* absorveu-lhe os restantes anos da sua vida adulta e todas as outras obras não terão passado de projectos ou de esboços inacabados. Uma síntese da sua biografia pode ver-se em Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, 1747 (reed. Coimbra, 1966), Tomo II, pp. 797-801.

3 Sobre os propósitos assumidos por J. Cardoso permito-me remeter para Maria de Lurdes Correia FERNANDES, «História, santidade e identidade. O *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso e o seu contexto», *Via Spiritus*, 3 (1996), 25-68.

enquadramento suscitam) para o estudo de diversos aspectos da cultura portuguesa (senão mesmo ibérica) até ao século XVII.

Efectivamente, o compulsar de muitos documentos manuscritos e de diversas obras impressas — de história eclesiástica e profana, geral e particular, nacional e local, de geografia, de hagiografia, de espiritualidade, de «literatura» — está bem presente e comprovado nos três tomos do *Agiológio*, em particular nos diversos «Comentários» a cada «vida»⁴ nos quais Jorge Cardoso expôs os dados fundamentais que recolheu sobre a mesma ou sobre o que com ela se relacionava; nesses «Comentários», onde é especialmente visível a sua erudição, resumiu, discutiu, corrigiu ou corroborou as opiniões de outros autores acerca dos múltiplos aspectos sobre que se debruçou: datas e factos da vida e morte do(a) biografado(a), fundações e fundadores(as) de conventos, origens (linguísticas e históricas) de topónimos e muitos outros dados e informações que considerou úteis aos leitores de então. Teve, além disso — este é também um dos aspectos que traduzem a relevância cultural e documental da sua obra —, o cuidado de indicar no final dos comentários às «vidas» de cada dia as fontes de que se serviu ou os autores e as obras que referiram o(s) assunto(s) que tratou, testemunhando aí um amplo leque de leituras — algumas muito atentas e minuciosas, outras claramente de segunda mão —, que dão significado especial à «biblioteca» do seu *Agiológio* (as fontes utilizadas, manuscritas e impressas, as possuídas e as alheias que pôde ler ou consultar para a sua realização).

E se o extraordinário trabalho de elaboração do *Agiológio Lusitano* foi em grande parte conseguido com o calcorrear de bibliotecas e arquivos vários, eclesiásticos e civis, públicos e privados⁵, foi igualmente acompanhado da «construção» de uma biblioteca pessoal especializada, mas também variada, tanto em manuscritos como em impressos, muitos dos quais foram minuciosamente lidos e utilizados na elaboração do *Agiológio Lusitano*. O hábil uso dos livros e documentos, o dedicado investimento na história religiosa e na hagiografia (concebida como parte integrante daquela, sobretudo na sua dimensão vivida), o critério que subjaz à selecção das principais áreas temáticas, bem como a erudição resultante deste diálogo de interesses e de gostos conferem um interesse particular à sua biblioteca: sendo, sob alguns pontos de vista, uma biblioteca de colecionador, é igualmente uma biblioteca muito lida e largamente utilizada no *Agiológio Lusitano*,

4 Sobre os aspectos formais da obra veja-se, em particular, Carlos Alberto AFONSO, *No tempo em que todos eram santos* (polic.), Braga, Universidade do Minho, 1988 e M^a de Lurdes Correia FERNANDES, «História, santidade e identidade. O *Agiológio Lusitano* e o seu contexto», art. cit.

5 O próprio Jorge Cardoso o acentuou nas «Advertências» do Tomo I, lembrando ter tido que «lér innumeraueis volumes, escudrinhar varios cartorios (...), desempoar antigos pergaminhos, i escrituras, procurar diuersas relações, e noticias, instrumentos autenticos, summarios, e papeis manuscriptos das religiões, e conuentos deste Reino, e fora d'elle, solicitados (por cartas) de pessoas grauissimas, escriptores, e cronistas de Hespanha, no tempo que tinhamos liure esta correspondencia» (*Agiológio*, I, «Advertencias...», § 1, 2-3). E muitos dos documentos e obras impressas pôde consultá-los em bibliotecas particulares — uma delas foi a então célebre biblioteca de D. Pedro de Lencastre —, como confessou em alguns dos «Comentários» da obra.

facto que a torna na sua generalidade muito «viva»⁶ e, como o mostra o catálogo que adiante se edita, de grande relevância cultural.

Deste modo, não é possível avaliar o interesse cultural da biblioteca de Jorge Cardoso sem se ter em conta o que foi a sua entrega à hagiografia, à história religiosa, às antiguidades e, em geral, aos "livros devotos" que estiveram na base do *Agiológico Lusitano* e fizeram dele um vastíssimo repositório não só de leituras e de cruzamentos de saberes diversos, mas também de informações mais ou menos precisas e de pistas de investigação que só a extensão da obra e as suas matrizes culturais e historiográficas tornam por vezes de difícil rentabilização.

A colecção de manuscritos e o «catálogo» da *Bibliotheca Cardosiana*

A parte mais original do *Agiológico Lusitano* contou tanto com o referido trabalho de pesquisa e leitura minuciosa nos arquivos e cartórios vários do Reino levado a cabo por Jorge Cardoso, quanto com diversos contributos, muitos deles solicitados pelo autor, de eruditos, religiosos, clérigos e leigos que *ex professo* lhe enviaram dados (originais ou cópias)⁷ e que, dessa forma também, ajudaram a «formar» a «biblioteca manuscrita» do *Agiológico Lusitano*, ou seja, uma boa parte do suporte documental com que alicerçou tanto os relatos das «vidas» que, até então, não tinham tido qualquer forma de publicitação fora de círculos restritos, como o acervo erudito dos múltiplos «comentários». Consequentemente, também desse modo foi crescendo — em quantidade e variedade — o diversificado volume dos documentos manuscritos, originais e cópias, de que Jorge Cardoso passou a dispor na sua biblioteca pessoal e de que não só se foi servindo nos três tomos da obra, mas que também foi organizando para os restantes 3 volumes (referentes aos meses de Julho a Dezembro); não teve condições físicas para concluir estes 3 tomos, mas, como admitiu e como o comprovam algumas passagens da obra, eles foram sendo lentamente preparados com a reunião de documentos vários, na expectativa da sua concretização e edição.

De facto, Jorge Cardoso, embora dedicando toda a sua vida adulta⁸ ao referido projecto de um vasto e relativamente original hagiológico nacional e deixando por concluir outros projectos editoriais que também foi alimentando — o

6 De poucas bibliotecas se pode dizer o mesmo; cf. F. M. GIMENO BLAY e J. TRENCHS ODENA, «Libro y bibliotecas en la Corona de Aragón (siglo XVI)», in Maria Luisa LÓPEZ-VIDRIERO e Pedro M. CÁTEDRA (ed.), *El Libro Antiguo Español*, II, Salamanca, 1992, 207-229.

7 Remeto para a longa lista de colaboradores de Jorge Cardoso incluída no citado artigo «História, santidade e identidade», esp. 45-52.

8 O seu primeiro trabalho — o referido *Offício Menor dos Santos de Portugal* (Lisboa, 1629) — foi publicado quando contava apenas 20 anos, mas nele é já claro o propósito de aprofundar o conhecimento da hagiografia e dos santos portugueses. Cf. M^{te} de Lurdes Correia FERNANDES, «História, santidade e identidade», esp. pp. 25-30.

dos *Santuários de Portugal, e das milagrosas Imagens de Nossa Senhora*, o das *Tiaras Lusitanas*, o da *Biblioteca Lusitana*, diversas vezes anunciados nos três tomos do *Agiológico*⁹, bem como um *Offício Menor da S. Coroa* «in usum priuatum deuotorum»¹⁰ e um *Promptuario Lusitano*¹¹—, viu-se limitado, pelo cansaço da vista e pelos achaques da idade, à parcial concretização desse projecto que abarcou apenas os seis primeiros meses do ano, compreendidos nos 3 tomos impressos. Mas não desistiu do sonho nem da esperança de que alguém o continuasse. E, por isso, vendo-se impossibilitado de continuar a sua magna «empresa», fez, no prólogo «A quem ler» do Tomo III (1666), uma espécie de testamento público em que disse oferecer «gratuitamente aos zelosos da Pátria, que desejão promover suas glorias o peculio, que para os seis meses que faltão, temos adquirido em trinta annos com tanto desvelo, indefeso estudo, e consideravel dispendio, sem alguma expectativa, ou emolumento temporal...»¹². Esse pecúlio era, portanto, toda a referida documentação manuscrita que Cardoso foi reunindo para a totalidade do *Agiológico Lusitano*, nomeadamente para os últimos três tomos, e que constituíam o fundamental dos manuscritos da sua biblioteca pessoal.

Só que esse «pecúlio» nunca terá vindo às mãos de alguns «zelosos da Pátria» que tentaram, como foi desejo expresso de J. Cardoso, continuar o *Agiológico Lusitano*, nem sequer às mãos do único que, já no século XVIII, concretizou parte dessa continuação, D. António Caetano de Sousa. E foi este autor quem, por escrito, mais lastimou o não cumprimento desta espécie de legado público de J. Cardoso. Efectivamente, no prólogo «A quem ler» do Tomo IV (1744) do *Agiológico Lusitano*, Caetano de Sousa, denunciando com alguma amargura o deficiente apoio de alguns dos seus contemporâneos a este seu esforço e empreendimento, quis de certa forma justificar o seu próprio abandono da continuação da obra para além do Tomo IV com base na impossibilidade do acesso aos documentos que Jorge Cardoso afirmou possuir e desejar que fossem usados por quem quisesse continuar a sua «empresa». Uma impossibilidade tanto mais revoltante quanto sabia onde estavam esses documentos...

9 A localização das referências de quase todas estas obras no *Agiológico* já se encontra na biografia de J. Cardoso por Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., II, 800-801, o que dispensa da sua enumeração aqui.

10 Esta obra não foi registada por B. Machado, mas vem referida por Jorge Cardoso, *Agiológico*, III, 71a, com a indicação de «que ha dias [a] temos cõposto, & colhido de antigos Breuiarios», e com promessa de «breuemente» a dar «à estampa».

11 Esta obra também não vem registada por B. Machado, mas vem prometida, «Deos querendo», por J. Cardoso no *Agiológico*, Tomo III, 191c.

12 *Agiológico*, III, s.n. Foi precisamente este texto que D. António Caetano de Sousa evocou e transcreveu no prólogo «A quem ler» do tomo IV do seu *Agiológico Lusitano* (1744) que adiante refiro. Mas note-se aqui também o tom algo amargo de Jorge Cardoso (apesar da gratidão manifestada pelo bom acolhimento da obra por parte dos «doctos») com que se referiu aos «typos, & prelos domesticos» que «nenhum gosto dão aos Autores, antes os desaboreão, & mortificação de tal modo, que a muitos lhes he mais facil cõpor, que estampar» e à ausência «neste Reino» de «premios (...) como ha nos outros» para os Portugueses que afirma serem «laboriosos, de grande engenho, & habilidade, cujos escritos são mais eruditos, & fundamentaes, que muitos de nossos vezinhos» («A quem ler», s.n.).

Convirá recordar que tais documentos, depois da morte de Jorge Cardoso em 3 de Outubro de 1669, ficaram, num primeiro momento, ao cuidado de um dos seus cunhados e testamenteiros — concretamente, António de Azevedo¹³ —, mas terão passado com alguma brevidade para a biblioteca do então Capelão-mor, futuro Arcebispo e Cardeal, D. Luís de Sousa¹⁴ (com quem J. Cardoso privou nos últimos anos da sua vida) e, mais tarde, por morte deste Cardeal, para os seus herdeiros da casa de Arronches. Era na posse destes que estava o «pecúlio» de J. Cardoso quando D. António Caetano de Sousa decidiu continuar a obra, como se vê pelas suas próprias palavras no prólogo do Tomo IV em que confessou com amargura ter sido impossível «alcançar às nossas mãos o pecúlio, que em trinta annos de estudo ajuntou o Licenciado Jorge Cardoso, ficando no seu poder muitos papeis originaes, que allega, e nós depois buscámos nos Archivos donde erão, e os não achámos, e temos por sem duvida, que estão incorporados nos livros das memorias, que juntou para o Agiologio, e conforme o Catalogo que vimos, fazem hum grande corpo de Volumes, entre livros de folha, de quarto, e de oitavo, que com diversos titulos teve em seu poder, a saber: *Lusitaniae Sanctorum Codices; Antiquitas Lusitaniae; Varias noticias de Fundações; Varias noticias de Santos Portuguezes; Varias de Antiguidades; Chronicon Rerum Bracharensium; Historia Ecclesiastica de Evora; Theatro das Igrejas de Portugal*; e muitos papeis, que debaixo de outros titulos ajuntou»¹⁵. Dizendo ainda — como era do conhecimento pelo menos dos mais doutos — que «Todos estes livros de memorias ficarão na livraria, que deixou por sua morte ao Eminentissimo Cardeal de Sousa, então Arcebispo de Lisboa», acusou a sua «magoa» ao ver, depois da morte deste, «despedaçar, e passar a diversos dominios, o que com tanto trabalho, e cuidado, se ajuntou». E se não nos informa sobre todos esses «domínios» a que passou a biblioteca de Jorge Cardoso, aponta concretamente um — mais visado, por conter muitos documentos originaes cujo

13 Uma cópia do seu testamento, feito em «dous de outubro de mil e seiscentos e sesenta e nove anos», na véspera da sua morte, encontra-se no Códice 628 da Biblioteca Nacional de Lisboa que contém as *Memórias e documentos para a história da vida de Jorge Cardoso, autor do «Agiologio Lusitano*, a fls. 102r-106r: «Cópia do Testamento do Pe. Jorge Cardozo», em que nomeia os seus cunhados Francisco Freire e António de Azevedo por testamenteiros. Na «Vida de Jorge Cardoso», incluída no referido códice, afirma-se que «O P.e Diogo Vaz Carrilho intentou proseguir a obra de Jorge Cardoso, e tendo permissão p^a. hauer de seu cunhado Antonio de Azeuedo os Manuscritos, não proseguio por desconfiar de achar quem o ajudasse com o dñhr.^a necessario...» (*Memórias...* fl. 60). Esta «Vida de J. Cardoso» é apenas um esboço pouco sistemático, escrito com duas letras diferentes, uma das quais deve ser de D. Manuel Caetano de Sousa, já que em diferentes passagens das duas versões (autógrafa e cópia em forma de discurso a proferir (proferido?) na Academia da História) remete para várias obras deste: veja-se Cód. 628, fls. 43r. e v., em que refere «o meu Pantheon Antystitum Lusitanorum, ou Lusitania Sacra...» (esta obra ficou ms. e vem referida em Barbosa MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, ed. cit., tomo III, 208), e fl. 45v-46r., onde afirma: «animei-me no anno de 1704 (...) a compor hum liurinho com o titulo de Minerua Lusitana...» (sobre este ms. veja-se igualmente B. MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, ed. cit., tomo III, 207); veja-se também a «Vida...», fl. 53r., col. b — a versão mais abreviada, em forma de discurso e com uma letra mais legível e talvez mais «profissional» — na qual remete para o seu «Catalogo dos Papas e Cardeais Portugueses...», que foi impresso em Lisboa em 1724. Cf. *infra* nota 17.

14 Na referida cópia do testamento declara Jorge Cardoso: «Deixo a o Senhor Luís de Sousa cem liuros que tenho de manuscritos» (B.N.L., cód. 628, *Cópia do testamento...*, fl. 103v.).

15 *Agiolégio*, IV, «A quem ler», s.n.

«catálogo» afirma ter visto — que importa recordar com as próprias palavras de Caetano de Sousa: «Na parte, que se conserva na Casa de Arronches, ficarão os manuscritos, e entre elles os de cuja falta nos lamentamos, por não podermos achar caminho de os haver às nossas mãos, nem ainda por empréstimo, sendo estes papeis por direito nossos, por huma doação publica de seu dono, que não pode padecer duvida»¹⁶. Talvez os possuidores desses manuscritos tivessem, convenientemente, mais dúvidas sobre essa «doação» do que o continuador do *Agiolôgio Lusitano* e por isso os não quisessem ceder, nem «por empréstimo», a D. António Caetano de Sousa...

Nesta denúncia pública (um compreensivo desabafo), dever-se-á realçar não só o testemunho da existência e da localização dos manuscritos de Jorge Cardoso em 1744, mas também a indicação da existência do respectivo «Catálogo» que afirmou ter visto, bem como de alguns títulos/temáticas aí contidos.

Esta informação revela-se muito importante porque a esta queixa de D. António dever-se-ão acrescentar outros dados que constam das já citadas *Memórias e documentos para a história da vida de Jorge Cardoso*¹⁷. A propósito dos livros constantes da biblioteca de J. Cardoso e remetendo para o seu testamento — de que o mesmo códice, como disse, transcreve uma cópia —, diz este autor que «o primeyro legado de que dispoz, forão cem volumes Manuscritos que deixou ao sobredito Capellão Mor Luiz de Sousa que fez delles tanta estimação que daly a m.tos annos sendo já Arcebispo de Lx.^a e Cardeal da Santa Igreja Romana (...) me respondeo: *Tambem a minha Liuraria se enriqueceo m.to com hum grande Legado de Liuros que me deixou Jorge Cardoso, e perdi muito nelle por que foy muyto diligente em buscarme, e comprarme bons liuros, e depois delle morto não tiue quem o fizesse como elle*»¹⁸.

Não pretendo deter-me para já neste «grande legado de liuros» (que adiante retomarei), mas na informação do «legado» de «cem volumes Manuscritos» que deixou ao então Capelão-mor D. Luís de Sousa. O número de volumes manuscritos — em «livros de folha, de quarto e de oitavo» — constantes na *Bibliotheca Cardosiana* (que adiante se edita) tem 89 entradas, a que corresponde, tendo em conta o número de volumes de algumas obras, um total de 120 «liuros», dos quais 59 em formato fólio — os «livros de folha» —, 52 in-4º e 9 in-8º, o que condiz com a indicação de D. António Caetano de Sousa no prólogo «A quem ler» do tomo IV

¹⁶ *Agiolôgio*, IV, «A quem ler», s.n. D. António C. de Sousa transcreve, na sequência, o texto de Jorge Cardoso acima citado.

¹⁷ B.N.Lisboa, Cód. 628, fls. 24-61 e 134 e ss. Desta «Vida de Jorge Cardoso» se ocupou, sem a editar, mas parafuscando-a, Joaquim Fernandes da CONCEIÇÃO, *Espiritualidade e religiosidade no Portugal Moderno. O Agiologio Lusitano do Padre Jorge Cardoso*, Dissertação de Mestrado em História Moderna, Porto, 1996, polic. Embora se refira muito vagamente às leituras de Jorge Cardoso e aos livros da sua biblioteca (*Espiritualidade e religiosidade...*, ob. cit., 44 e ss.), refere por lapso que as «Memórias dos livros do Licenciado Jorge Cardoso» (B. N. Lisboa, Cód. 628, fls. 69-79) se reportam aos «livros» da sua biblioteca; mas estas «Memórias» são simplesmente um índice onomástico, incompleto, do *Agiologio Lusitano*, elaborado provavelmente por (ou por ordem de) D. Manuel Caetano de Sousa.

¹⁸ *Vida de J. Cardoso*, B. N. Lisboa, Cod. 628, fl. 40v.

(acima citado) a propósito do «Catalogo» que viu e que incluía «grande corpo de volumes, entre liuros de folha, de quarto e de oitavo». Além disso, há ainda outra informação importante nesta *Vida* de J. Cardoso, que é necessário citar: «Para o mesmo fim de escreuer o Agiologio ajuntou copia de liuros de Historia Ecclesiastica de que formou hua liuraria grande à vista dos poucos meyoys que o Autor tinha para compralos, da qual tem o *Catalogo original da letra do mesmo Autor* o nosso Diligentissimo Academico o R.mo Pe. Fr. Affonso da M.e de Deos Guerreiro, que mo communicou com a sua singular benignidade *do qual eu fis tirar hua copia...*»¹⁹. Ou seja, foi o próprio Jorge Cardoso quem fez um «catálogo» da sua biblioteca, a partir da qual D. Manuel Caetano de Sousa mandou fazer uma cópia. Penso que esta «cópia» é a que guarda a Biblioteca Nacional de Lisboa com o título de *Bibliotheca Cardosoiana. Catalogo dos livros impressos e manuscriptos, que possuia o auctor do «Agiologio Lusitano» Jorge Cardoso*²⁰, que aqui se transcreve. Uma cópia que, contendo alguns (poucos) erros de transcrição, mostra claramente que o autor do original sabia muito bem que livros tinha na frente: ou transcreve com muita exactidão os títulos abreviados das obras, ou resume esse título seleccionando com precisão o essencial do mesmo (ou da matéria contida), mostrando conhecer bem o conteúdo ou a temática das obras; este é mais um dado que ajuda a acreditar que esta cópia terá sido feita a partir do «original da letra» de J. Cardoso.

Os volumes manuscritos encerram temáticas diversas, embora a maior parte — sobretudo os de formato «fólio» (ou, na terminologia actual, 2^o) — diga respeito às grandes áreas de interesse e estudo de Jorge Cardoso, patentes tanto na sua biblioteca de impressos como na «biblioteca» do *Agiológico Lusitano*: a História (especialmente a Eclesiástica), as «Antiguidades», nomeadamente as regionais e locais, e a Hagiografia. Mas não faltam algumas obras de espiritualidade, de que são exemplo um «Liuro de rezar todos os dias» (n^o 77), um «Officium S. Antonij» (n^o 64), umas «orationes Perpiniani» (n^o 62) e, no final da lista, um «Tratado da Oração de Falconi»; merecem também ser assinaladas obras de genealogia (n^{os}. 1, 17, 18, 36), de política (n^{os}. 59, 60, 85), de filosofia (n^{os}. 70 e 73), de teologia (n^{os}. 72 e 74), de poesia (n^{os}. 22, 48, 61, 65), ou outras de temáticas variadas (n^{os}. 37, 55, 56, 75, 66) e até algo inesperadas (n^{os}. 67, 68, 69). Abarcam, portanto, temáticas diversificadas que seguramente representam apenas parte do conjunto que não é possível identificar na totalidade. As minhas tentativas de identificação de alguns dos manuscritos foram cuidadosamente apoiadas nas informações que Jorge Cardoso foi fornecendo nos diversos «comentários» às vidas quando referiu as fontes de que se serviu. Aí foi indicando documentos vários que possuía, que lhe «vieram às mãos», que lhe foram enviados por colaboradores, que tinha na sua «posse». Para a identificação de alguns dos manuscritos servi-me ainda da informação de Diogo Barbosa Machado de que os vira na biblioteca do Duque de Lafões que «foy do

19 B. N. Lisboa, Cód. 628, fl. 53r. Sublinhado meu.

20 B. N. Lisboa, Cód. 350 - Letra do séc. XVIII, 1 vol. in-4^o de 40 fls. enc.

eminentíssimo Cardeal de Sousa»²¹. Não parece abusivo pensar que nesta «transição» de bibliotecas terão seguido os referidos volumes manuscritos de Jorge Cardoso que até hoje não foram utilizados por qualquer outro «zeloso da Pátria»...

Os impressos

O catálogo da *Bibliotheca Cardosoiana* abre com a lista dos impressos — num total de 1222 entradas a que corresponde um número superior de volumes e até de obras²² — e mostra à partida que Jorge Cardoso foi possuidor de uma importante e muito interessante biblioteca de impressos, muitos dos quais contribuíram para o saber e para a erudição que, sendo bem conhecidos dos seus contemporâneos²³, estão por demais patentes nos diversos «comentários» do *Agiológico Lusitano*. O próprio D. Luís de Sousa, como atrás se viu, terá testemunhado que a sua «Livraria» pessoal se «enriqueceu muito com hum Legado de Liuros que [lhe] deixou Jorge Cardoso» e que este lhe terá feito muita falta porque «foy muito diligente em buscar[lhe] bons liuros, e depois d'elle morto não [teve] quem o fizesse como elle». De facto, conta ainda o autor da referida *Vida de Jorge Cardoso* que este, quando se deslocou a Madrid, na Primavera de 1669 (a pedido do próprio D. Luis de Sousa, na comitiva encarregada de «buscarem e prepararem o alojamento pera o Marquez de Arronches», irmão de D. Luis, que ia como «embayxador àquella corte»), ia incumbido «de seu antigo Patrono o nouo Bispo Capellão mór pera lhe comprar liuros pera a sua insygne Liuraria»²⁴. Na referida cópia da *Bibliotheca Cardosoiana* vem, depois da lista dos impressos e antes da dos manuscritos, uma lista de 255 «livros que Jorge Cardoso comprou em Madrid»²⁵. Lembro que a amizade entre J. Cardoso e D. Luis de Sousa se tinha estreitado muito desde que este residia em Lisboa e acompanhava de perto o trabalho e o saber de J. Cardoso. Como registou o autor da citada *Vida de J. Cardoso*, a grande estima que lhe tinha o então Capelão-

21 D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, I, 645; II, 54; II, 368; III, 595, etc.

22 De facto, algumas entradas incluem dois ou mais volumes da mesma obra e outras incluem mesmo obras diferentes (vejam-se, por exemplo, os n.ºs 438, 439, 451, 463, 692, etc.)

23 Veja-se a síntese dos elogios ao autor apresentada por Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., II, pp. 779-800. De realçar em particular o que diz este autor sobre a forma como Jorge Cardoso foi apreciado na corte de Madrid quando aí se deslocou, em 1669, com a comitiva encarregada da instalação do Marquês de Arronches como Embaixador de Portugal: «Admirada aquella Corte do profundo talento, vasta erudição, e summa modestia com que se ornava o seu espirito lhe offerreco o lugar de Chronista com quinhentas patacas de Ordenado, e huma Conezia na Cathedral de Toledo...», o que não terá sido autorizado pelo Embaixador.

24 *Vida de J. Cardoso*, B. N. Lisboa, Cod. 628, fl. 40v, fl. 39r. Este dado é também referido por Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., II, p. 798, em que afirma que no ano de 1669 «passou a Madrid por ordem do Illustrissimo Capellão mór D. Luiz de Souza com a comissão de augmentar a magnifica Livraria deste grande Prelado».

25 B. N. Lisboa, Cód. 350, fls. 30r-35v. Esta lista não é aqui transcrita porque os livros não pertenciam à biblioteca de Jorge Cardoso, mas deverá servir para um outro estudo sobre a biblioteca de D. Luís de Sousa.

-mor era «porque melhor que todos conhecia a vastíssima erudição ecclesiastica, as virtudes do Padre Jorge Cardoso, e pera lograr mais tempo da sua utilíssima Conuersação não sò trataua com elle no seu Palacio, mas traziao consigo na Carroça na qual hia triunfando ao mesmo tempo a benignidade daquelle Prelado, e a reputação daquelle escritor, contribuindo mutuamente hum pera a gloria do outro»²⁶.

O interesse cultural desta biblioteca de Jorge Cardoso não resulta apenas do elevado número de volumes — claramente (e compreensivelmente) superior ao de outras bibliotecas privadas de eclesiásticos e leigos portugueses dos séculos XVI e XVII²⁷, e até espanholas²⁸ e italianas²⁹ —, mas também, ou sobretudo, da sua constituição e ordenação. Antes de mais, em certa medida a sua biblioteca é, parafraseando o título da obra de António Possevino que J. Cardoso possuía, uma «biblioteca selecta», relativamente organizada e de temáticas bem seleccionadas, facto tanto mais interessante quanto as posses de Jorge Cardoso eram limitadas, segundo afirma o autor da sua *Vida* quando refere a «copia de liuros de Historia Ecclesiastica de que formou hua liuraria grande à vista dos poucos meyoys que o Autor tinha para compralos»³⁰ e como se vê pelo seu testamento³¹; apesar disso — ou justamente por isso —, parece ter conseguido equilibrar um investimento erudito

²⁶ *Vida de J. Cardoso*, B.N. Lisboa, Cód. 628, fl. 40r.

²⁷ Cf. Joaquim de CARVALHO, «A livraria de um letrado do século XVI: Fr. Diogo de Murça», in *Obra Completa*, II-1: *História da Cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 569-635; António de OLIVEIRA, «A livraria de um teólogo do século XVI», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, XXVII, 541-588; Id., «A livraria de um canonista do século XVI», *Revista da Universidade de Coimbra*, XXII (1970), 61-155; Id., «A livraria de um canonista do século XVII», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, XXVIII (1970), 39-82; Rita MARQUILHAS, *A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*, Lisboa, I.N.-C.M., 2000, esp. 167-228.

²⁸ Veja-se, em particular, Trevor DADSON, *Libros, lectores y lecturas. Estudios sobre bibliotecas particulares españolas del Siglo de Oro*, Madrid, Arco/Libros, 1998. É, contudo, inferior à do seu contemporâneo espanhol, o abastado e erudito Ramírez de Prado (1583-1658). Cf. Joaquín ENTRAMBASAGUAS, Y PEÑA, *La Biblioteca de Ramírez de Prado*, 2 vols., Madrid, C.S.I.C., 1943.

²⁹ Cf. Marcella CAMPANELLI, «La biblioteca di un parroco meridionale alla fine del Seicento», *Archivio Storico per le Province Napoletane*, CIII (1985), 285-351 e Samuele GIOMBI, «Le biblioteche di ecclesiastici nel Cinquecento Italiano. Rassegna di Studi recenti e prospettive di lettura», *Lettere Italiane*, Anno XLIII, n° 2 (1991), 291-307.

³⁰ B. N. Lisboa, Cód. 628, fl. 53r.

³¹ O parco elenco de outros bens que Jorge Cardoso deixou aos seus herdeiros mostra bem que a sua riqueza era pouco mais que intelectual e humana: exceptuando os já referidos «cem liuros que tenho de manuscritos» que «deixou» a D. Luís de Sousa e algum dinheiro que terá deixado aos herdeiros, particularmente a sua sobrinha Mariana de quem era tutor, deixou «de oferta dous mil reis a minha freguezia de São Julião» e «corenta dous aos Padres de Santa Justa»; «des mil reis de esmolla a Pobres que dispendera minha Tia Juleana Carдоза»; «ao Doutor frei Isidoro da Lus os liuros que elle não tiuer de Nossa Senhora» (o núcleo de livros marianos de J. Cardoso é significativo); «ao Padre e Coronista mor hum liuro seu que lhe tenho em meu poder. A coronica de São Bernardo de Castella»; a sua sobrinha Marianna «tres quadros, hum de São Hieronimo, e hum de Santo Ambrozio, e outro de São Damozo»; à «criada de meu cunhado Antonio de Azeuudo dous milreis»; o seu «liuro grande de Despesicas» ficou para os seus herdeiros, bem como o pagamento de algumas dívidas e a recuperação de alguns empréstimos e dívidas alheias, como a do Senhor Conde de Miranda» que lhe devia «trinta mil reis de liuros que lhe comprej pera o Senhor Marques de Niza» e mais «doze mil reis» de «huas cousas» que Cardoso pagou e «sete mil reis mais de duas caixinhas de Christal», e pouco mais. A cópia do testamento tem várias passagens ilegíveis.

e quase «profissional» nas obras de história (eclesiástica e profana), de antiguidades e nas crônicas das ordens religiosas com um certo gosto colecionista — particularmente visível no importante núcleo de hagiografia e biografias várias, essencialmente contido nos números 161 a 437 —, sem descurar a literatura, e não só a devota, e outras obras de âmbitos temáticos diversificados que complementam e enriquecem estes núcleos maioritários.

Antes de avançar na análise de alguns aspectos mais concretos desta biblioteca, importa realçar um aspecto formal deste catálogo da *Bibliotheca Cardosiana*: nele figura, além do título abreviado de cada uma das obras, por vezes acompanhado da indicação do nome do autor, a preciosa indicação do formato e do seu valor (que penso reportar-se ao valor pecuniário na altura da elaboração do catálogo, possivelmente com vista à sua venda ou distribuição pelos herdeiros)³²; mas se o seu valor é pouco importante para a identificação das obras, já a informação relativa ao seu formato se reveste de grande utilidade. Nos casos das obras que só tiveram (ou de que só se conhece) uma edição, esta informação só tem o interesse de a confirmar; nos casos de obras que tiveram duas ou mais edições, essa indicação permite optar por uma delas ou indicar as edições com esse formato; os casos mais difíceis são, obviamente, aqueles de que não existe (ou de que eu não encontrei) informação bibliográfica condizente; ou seja, tendo encontrado a referência que, com alguma segurança, identifica a obra, a indicação do formato difere e, conseqüentemente, não permite confirmar a edição porque só localizei edição(ões) com formato diferente do que indica este catálogo. Mesmo assim, sugeri a obra, com a ressalva da diferente indicação do formato.

Dado que um dos aspectos que mais interesse cultural confere a este catálogo é o facto de nele figurarem muitas obras que Jorge Cardoso utilizou ou referiu nos três tomos do *Agiológio Lusitano*, pareceu-me da maior importância identificar esses «usos» ou essas referências; estes permitiram, em alguns casos, identificar o autor e/ou a obra ou, em outros, sugerir com alguma segurança a edição de que dispunha Jorge Cardoso porque ele se lhe referiu nos «comentários» do *Agiológio*. Por isso indiquei no final de cada nota de identificação, depois da referência a alguns instrumentos bibliográficos que incluem a obra/edição, a(s) localização(ões) das citações ou referências no *Agiológio Lusitano*, que, muito significativamente, ultrapassam as três centenas.

O meu trabalho de identificação das obras deparou-se, contudo, com algumas dificuldades que nem sempre pude ultrapassar. A primeira, resultante de algumas dúvidas insolúveis em face da já referida não correspondência, por vezes, de informações de formato; a segunda, devido à incerteza de alguns títulos do

32 Convém referir que, no seu testamento acima citado, Jorge Cardoso deixou ao P. Fr. Isidoro da Luz «os liuros que ele não tiuer de Nossa Senhora» (B.N.Lisboa, Cód. 628, fl. 103v). As obras de temática e devoção especificamente mariana contidas na *Bibliotheca Cardosiana* ascendem a 31; conta D. Manuel Cactano de Sousa na referida *Vida de Jorge Cardoso* que «Era o P. Fr. Isidoro grande Amigo de Jorge Cardoso, e singular deuoto da Virgem Senhora Nossa, e por esta razão tinha grande cuydado em ajuntar os liuros que tratão de Nossa Senhora; Tinha Jorge Cardoso semelhante deuota curiosidade, e tinha muytos Liuros daquelle Sagrado Assumpto...».

catálogo em causa, que nem sempre correspondem aos títulos exactos da obra; a terceira, pela impossibilidade (acrescida de algumas limitações de ordem material que dificultaram o acesso, em Portugal, aos quase sempre longínquos instrumentos bibliográficos) de identificação de um número relativamente reduzido (cerca de 11%) de obras e da definição da área temática de, aproximadamente, 2% do total.

Estas dificuldades não me pareceram, contudo, justificações suficientes para abandonar ou para adiar indefinidamente a edição da *Bibliotheca Cardosiana*. Se aproximadamente 11% de obras não têm qualquer tipo de identificação, é possível definir, pelo título e com alguma segurança, a área temática de cerca de 98% do total. Além disso, é uma percentagem relativamente diminuta que não põe em causa a apreciação global desta biblioteca cuja riqueza, especificidade e significados culturais são bem visíveis na sua leitura minimamente atenta. Espero que os mais doutos ajudem a suprir estas limitações de ordem pessoal.

Uma biblioteca ibérica e latina

Um dos aspectos interessantes desta biblioteca — que não fica prejudicado pela falta de identificação de 11% dos títulos — é o seu âmbito linguístico. Significativamente, a percentagem das obras em castelhano (475) cifra-se em 38,9% do total, seguida das obras em latim (441) que representam 36,1% e só depois das obras em português (149) num total de 12,2%. As obras em italiano (23) atingem apenas 1,9% e as obras (2) em francês 0,16%. Há ainda 4 livros cujos exemplares possuídos por J. Cardoso tanto poderiam ser em português como espanhol, 1 em português ou em latim, 5 em espanhol ou em latim, 5 em latim ou em italiano e 4 em espanhol ou italiano. Estas dúvidas apenas confirmam a supremacia do espanhol e do latim, podendo reforçar em alguma décima as obras em italiano. A não identificação, com segurança, da área linguística de 132 obras (10,8%) não põe em causa a relação dos grandes núcleos; pelo contrário, como se infere dos títulos apresentados por J. Cardoso, reforçá-los-iam.

Língua	Nº de entradas	% do total
Espanhol	475	38,9%
Latim	441	36,1%
Português	149	12,2%
Italiano	23	1,9%
Francês	2	0,16%
Não identificada	132	10,8%

A superioridade da percentagem de obras em espanhol — constituída fundamentalmente pelas obras do vasto campo da hagiografia e da história, sobretudo eclesiástica (incluindo crónicas), e da literatura religiosa — confirmam nesta biblioteca a presença que tinham tanto no *Agiológio Lusitano* como, em geral,

na cultura portuguesa dos séculos XVI e XVII. Muitas delas são, aliás, citadas por diversos cronistas e por autores de obras religiosas da época, o que confirma uma vez mais como muitos aspectos da cultura portuguesa até ao século XVII (e posterior) não poderão ser compreendidos e interpretados sem se ter em conta essa presença e influência (a que corresponde também alguma permuta). E esse facto, acrescido do menor vigor editorial em Portugal, ajuda também a perceber o terceiro lugar ocupado pelo português. O segundo lugar ocupado pelo latim também não suscita admiração e é bem perceptível na erudição patenteada nos três tomos do *Agiológi*. Para um autor eclesiástico e erudito do século XVII como era Jorge Cardoso a posse e uso de obras em latim é mais que compreensível. Longe destes números estão as obras em italiano que se ficam pelas 23 unidades; mas, apesar do acentuado menor número de obras em italiano, este adquire maior significado quando comparado com o das obras em francês que se ficam, na melhor das hipóteses, pelas 2 unidades.

Claro que as obras em latim introduzem um factor importante a ter em conta nestes números e na aparentemente esmagadora mancha geográfica mediterrânica: se é certo que muitas foram impressas em Itália (sobretudo Roma, Milão e Veneza), em Espanha (especialmente Madrid) e em Portugal, muitas outras saíram dos prelos alemães (das esperadas Colónia e Antuérpia até pequenas cidades), franceses (sobretudo de Paris e de Lyon), flamengos e até ingleses e irlandeses³³. Estes dados confirmam não só a persistência da conhecida importância cultural do latim, mas também da relativamente ampla circulação dos livros, logo, da cultura, no vasto espaço europeu em que grandes casas impressoras continuavam a influenciar tal circulação.

No que diz respeito ao conteúdo temático das obras, é muito significativo que a percentagem mais elevada seja constituída por obras hagiográficas no seu mais amplo sentido: não só vidas individuais e colectâneas de santos, de beatos e de veneráveis, mas também muitas outras biografias devotas, de homens e mulheres «ilustres em virtude» (para além dos «ilustres nas armas e nas letras»). Deste modo, as obras do vasto campo da hagiografia totalizam 346, ou seja, 28,3% do total; se lhe juntarmos as histórias de santuários, de milagres, de relíquias e de imagens, bem como descrições de martírios e elogios de cristãos perseguidos, totalizam 423, logo, 34,6%; as de história (184), incluindo crónicas (101), totalizam 285, ou seja 23,3%; as de literatura de espiritualidade, incluindo mariana, somam 105 obras, ou seja, 8,6%; as de literatura (prosa e poesia, alguma devota) totalizam 64, logo, 5,2%. Seguem-se ofícios e breviários, num total de 55 (4,5%), as biografias de reis e nobres somam 23 (1,9%), as "bibliotecas"/bibliografias 22 (1,8%), a geografia 20 (1,6%), a política 17 (1,4%), elogios vários 13 (1%) e nobiliários e heráldica 13 (1%); todas as outras áreas temáticas (direito civil e canónico, colectâneas de exempla, teologia, bíblia, etc.) têm separadamente percentagens inferiores a 1%.

³³ Veja-se, com alguma cautela — porque há repetições de locais de impressão em resultado da indefinição de algumas edições possuídas por J. Cardoso —, o índice final dos locais de impressão.

Um aspecto que, embora esperado, merece ser referido é o da elevada percentagem de obras escritas por membros de ordens religiosas: 513 obras (das que foram identificadas), cabendo o primeiro lugar aos jesuítas (127 obras), o segundo aos dominicanos (75), o terceiro aos franciscanos (59), o quarto aos agostinhos (26 da O.S.A. e 28 da O.E.S.A., num total de 54), o quinto aos carmelitas (26 aos calçados e 14 aos descalços, num total de 40) e o sexto aos beneditinos (25). Todas as outras ordens religiosas se situam abaixo das 20 obras. O mais interessante nestes números que confirmam muito do que se sabe sobre a influência das ordens e congregações religiosas, mas que só se compreende por se tratar de uma biblioteca construída sobretudo a partir dos anos 20 do século XVII, é o lugar preeminente que ocupam as obras da pena de jesuítas.

Relativamente ao formato dos livros, é curioso notar a sua hierarquia: a maioria dos livros (470) é de formato in-4º (38,5%), seguidos dos de formato in-8º (447 = 36,6%); os de formato in-fol. ainda totalizam 198 (16,2%). A longa distância estão os in-12º (58 = 4,7%), os in-16º (apenas 1), os in-24º (30 = 2,5%) e um in-32º; os restantes não têm indicação de formato.

Finalmente, tem também algum interesse o valor pecuniário das obras. Supondo que a sua inclusão no catálogo da *Bibliotheca Cardosiana* visou um cálculo para efeitos de venda ou de distribuição entre os herdeiros, a indicação do valor deve merecer alguma atenção, mesmo que provisória, porque só fará mais sentido quando comparado com os valores de livros de outras bibliotecas da época.

Os valores oscilam entre os 20 reis (14 obras) e 6000 reis (1 obra), de acordo com a tabela que se segue:

Preços	Nº de volumes	% do total
20-40 reis	47	3,8%
50-80 reis	163	13,3%
100-120 reis	260	21,3%
130-190 reis	80	6,5%
200 reis	251	20,5%
250-280 reis	8	0,7%
300-350 reis	94	7,7%
400-480 reis	90	7,4%
500 reis	39	3,2%
600-700 reis	48	3,9%
800-900 reis	42	3,4%
1000-1400 reis	27	2,2%
1500-1800 reis	12	1%
2000-2500 reis	13	1,1%
2800-3500 reis	7	0,6%
4000-6000 reis	6	0,5%
sem preço	35	2,9%

Como facilmente se vê, o valor da grande maioria dos livros (61,6%) situava-se entre os 50 e os 200 reis, sendo os preços mais frequentes os de 100 e 200 reis. Neste quadro, ganha especial interesse o elevado preço de algumas obras, quase sempre in-fol e de grande prestígio na época.

Mas no referido total de 1222 entradas não são apenas as presenças que são interessantes. As ausências suscitam também algumas interrogações e reflexões, mesmo que necessariamente provisórias. A primeira ausência, tendo em conta que Jorge Cardoso era presbítero, é a de obras de âmbito pastoral, incluindo as de teologia moral e de catequese; é uma ausência tanto mais curiosa quanto, nas bibliotecas de autores eclesiásticos, estas obras vinham ocupando cada vez mais, sobretudo desde finais do século XVI, um lugar significativo³⁴. A presença do *Confessionario* de Garcia de Resende (nº1008), do *Livro dos remédios contra os pecados mortaes* de Fr. João Soares (nº 1007) — anteriores a Trento —, bem como a *Cartilha* do P. Inácio Martins (nº 997), a *Doctrina cristiana* de Ledesma (nº 998) e a *Cartilha* em verso de Baião (nºs 1056 e 1100) não alteram grandemente o panorama, até porque talvez aí figurem mais pela antiguidade, raridade ou prestígio do que pelo seu uso de âmbito pastoral (que poderia dispor de uma relativa multiplicidade de obras mais adequadas às exigências catequéticas da primeira metade de Seiscentos).

Outra ausência notória é a dos sermões, apesar da existência de um volume de *Sermões de exéquias de bispos* (nº 1102). Tendo em conta que os anos que medeiam entre a data da ordenação de J. Cardoso como presbítero (4 de Julho de 1632) e a sua morte (3 de Outubro de 1669) assistem a uma voga crescente da parenética e, logo, da sermonária (e não só a de âmbito político)³⁵, esta ausência poderia parecer estranha. Mas é, juntamente com as outras, compreensível tendo em conta a entrega (quer profissional quer devocional) de Jorge Cardoso à história eclesiástica e à hagiografia. E nestes âmbitos, tanto a teologia moral como a catequese e a sermonária, ou a exegese bíblica — outra grande ausente —, não faziam propriamente falta, como o fariam se ele se tivesse dedicado à acção pastoral.

O mesmo não se poderá dizer de outras ausências. A mais notória, tendo em conta a quase exaustiva presença de crónicas de ordens religiosas, é a *Crónica dos Frades Menores* de Fr. Marcos de Lisboa. Exemplares não faltariam no mercado, tendo em conta o elevadíssimo número de edições (nomeadamente em traduções)

34 Embora em Portugal continuem a faltar estudos comparativos sobre esta matéria, algumas listas referentes a posse de livros por eclesiásticos mostram que estas matérias ocupavam um lugar não negligenciável. O mesmo parece ter sucedido em Espanha (Cf. Trevor DADSON, ob. cit., esp. pp. 215-236 e 409-417) e em Itália, como bem mostra a análise comparativa de algumas bibliotecas eclesiásticas do século XVI feita por Samuele GIOMBI, «Le biblioteche di ecclesiastici nel Cinquecento Italiano», art. cit., que permitiu concluir que o «sviluppo delle biblioteche del clero e delle letture clericali attorno alla fine del secolo XVI rivela una progressiva esclusione della letteratura classica ed un'assoluta preminenza di opere catechistiche o pastorali» (ibid., 296).

35 João MARQUES, *A parenética portuguesa e a Restauração (1640-1668)*, 2 vols., Porto, INIC, 1979.

logo após a primeira edição da 1ª e 2ª partes (1567-1572)³⁶. É certo que Jorge Cardoso a consultou e a usou (e também criticou alguns aspectos) no *Agiológio Lusitano*, mas, se a possuía na sua biblioteca, não a fez figurar neste catálogo. Talvez usasse um exemplar alheio.

Não menos estranha é a quase total ausência de obras da autoria de Fr. Luís de Granada — apenas possuía, sem dúvidas, umas minúsculas *Orationes ad Christum et Mariam* (nº 1139) —; e é tanto mais estranha quanto Cardoso nutria confessadamente admiração por este dominicano espanhol que se fez português, como se vê em diversas passagens do *Agiológio Lusitano*. A diminuição das edições das obras deste autor não seria justificação para quem possuía outras obras que já então deviam ser raras... Seriam as suas obras incómodas nos meados do século XVII? Menos estranha, mas mesmo assim de notar, é a ausência da editadíssima, desde a sua primeira edição, *Imagem da Vida Cristã* de Fr. Heitor Pinto e de uma edição portuguesa dos *Trabalhos de Jesus* do agostinho Fr. Tomé de Jesus.

Mas não são estas ou outras ausências — sobre que não vale a pena especular muito — que poem em causa a riqueza, a variedade e, até, alguma originalidade desta *Biblioteca Cardosiana*. As muitas e diversificadas — em alguns casos também inesperadas — presenças tornam quase insignificante qualquer ausência nesta biblioteca que, sendo em termos materiais muito rica, o é muito mais em termos culturais, históricos e simbólicos.

36 Francisco Leite de FARIA, «O maior êxito editorial no século XVI em Portugal: a *Imagem da Vida Cristã* de Fr. Heitor Pinto, *Revista da Biblioteca Nacional*, 2ª série, vol. 2, nº 2 (1987), 83-110.